

Errata: curadoria feminista e a reconfiguração simbólica no design gráfico

Palavras-chave: curadoria, história das exposições, design gráfico, feminismos.

Aline Valéria Fagundes da Silva; PPGAV UFRGS; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; avfsilva@ucs.br

Bruna Wulff Fetter; PPGAV UFRGS; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; brunafetter@gmail.com

1. Introdução

Propomos, neste artigo, uma reflexão crítica sobre a curadoria no design gráfico a partir de um olhar sistêmico da arte, entendendo-a como instância de legitimação que pode tanto reforçar quanto subverter cânones (Fetter, 2018). A história do design, marcada pela figura do “autor genial” e por exclusões sistemáticas de agentes não hegemônicos (Buckley, 2025), será analisada à luz de Bourdieu (2010), Haraway (2009), Reilly (2018), Bismarck e Rogoff (2012). Compreendemos a curadoria como prática política e discursiva que constrói estruturas de visibilidade, disputando narrativas e lugares de fala no campo do design.

A partir do estudo de caso da exposição *Errata* (2021), investigamos como práticas curatoriais podem reconfigurar o campo, tensionando seu *nomos* e reescrevendo narrativas oficiais. A pesquisa de Isabel Duarte, que deu origem à mostra, explorou problemas da história do design português, alinhando-se à ideia de Sara Ahmed (2014) de que perceber questões é fundamental para moldar experiências. Ao focar nas nuances dessa história, o projeto desafiou narrativas estabelecidas e fomentou reflexão crítica sobre dinâmicas de poder e exclusão.

Assim, a curadoria pode ser entendida como intervenção crítica que desloca o foco das vozes hegemônicas para as historicamente marginalizadas e, no caso da *Errata*,

especialmente as mulheres. À luz de Bourdieu (2010), trata-se de disputa por autoridade simbólica, capaz de reordenar posições e sentidos no campo. A exposição evidencia, pela articulação entre objetos, histórias e contextos, uma parcela invisibilizada da história do design e denuncia mecanismos institucionais e historiográficos que sustentaram tal esquecimento. A curadoria, portanto, atua não apenas como mediação, mas como gesto de redistribuição simbólica e reposicionamento dentro de um campo estruturado por assimetrias.

2. O cânone e a exclusão no design

No catálogo da exposição *Errata* (2021), Isabel Duarte argumenta que a formalização do design gráfico como profissão, consolidada na segunda metade do século XX, impactou profundamente sua documentação histórica. A institucionalização promoveu uma narrativa heroica e linear, onde o designer é retratado como figura singular que evolui de aprendiz a mestre, excluindo práticas colaborativas, especialmente as de mulheres que atuavam sob nomes coletivos ou em estúdios, cujas contribuições não se enquadram nas categorias limitadas do registro histórico tradicional.

Imbert (2017) pontua que a pesquisa histórica e crítica do design gráfico, consolidada academicamente nos anos 1980, buscou articular uma narrativa coesa, valorizando produções efêmeras e utilitárias antes subestimadas. Associações profissionais, escolas e instituições de preservação legitimaram o design como área de estudo. Contudo, as exposições de design gráfico seguem pouco exploradas, e a literatura recente começa a problematizar como objetos gráficos, criados em contextos específicos, podem ser criticamente interpretados em exposições. A curadoria surge como oportunidade para questionar narrativas dominantes e refletir sobre dinâmicas de poder no campo.

A leitura de Buckley (2025) contextualiza o argumento curatorial, apontando que as poucas mulheres citadas na história do design gráfico aparecem sob moldes

patriarcais: associadas a estereótipos de feminilidade, a objetos “femininos” ou subordinadas a figuras masculinas, frequentemente descritas como assistentes. Buckley critica métodos historiográficos que reforçam vieses excludentes e propõe compreender as “regras do jogo” para construir uma história mais inclusiva. Em sintonia com Reilly (2018), defende que a teoria feminista oferece instrumentos críticos para desafiar estereótipos, analisar a divisão sexual do trabalho e promover abordagens polissêmicas que desestabilizem hierarquias.

Buckley (2025) reconhece o design como processo complexo, articulando desenvolvimento, produção e consumo, com caráter coletivo. Compreender o campo exige analisar interações entre indivíduos, grupos e organizações, apontando novas possibilidades de mapeamentos históricos que privilegiem sujeitos e práticas marginalizados.

3. Curadoria como prática política

A curadoria, segundo Reilly (2018), é uma prática ativista capaz de tensionar estruturas de exclusão e expandir o cânone histórico ao valorizar culturas visuais marginalizadas. Longe de ser neutra, constitui-se como prática discursiva e política, reconfigurando a história do design de forma dialógica e rompendo binarismos normativos.

Esse entendimento amplia-se com Bismarck e Rogoff (2012), que veem o curatorial como campo de forças constelacionais, onde agentes, técnicas, enquadramentos materiais e discursos interagem. Nesse campo, a curadoria é espaço para epistemologias situadas, políticas de reconhecimento e reescritas plurais da história do design. Reilly (2018, p. 21) afirma: “o ‘sistema’ da arte é hegemônico, privilegiando a criatividade masculina branca. Minha força motriz como curadora é totalmente ativista; meu objetivo é ser contra-hegemônica.”

A exposição, assim, deixa de ser contemplação passiva e torna-se plataforma de ativação crítica, com o público participando ativamente da construção de significados. Azoulay (2020) defende uma leitura crítica da história, reconhecendo mecanismos de poder que perpetuam versões hegemônicas e silenciam outras. Nesse sentido, a curadoria desestabiliza narrativas institucionalizadas e integra experiências marginalizadas.

Dalcol (2020) propõe compreender a curadoria como gesto crítico na configuração da exposição enquanto espaço público, operando como prática discursiva e relacional. O curador, sujeito posicionado, constrói conexões entre elementos diversos para produzir novos sentidos.

Esse entendimento ganha corpo no design gráfico. Loveday (2022) destaca que museus e exposições se tornam plataformas para discutir questões sociais e políticas, conectando o público a temas urgentes. Watson (2021) revisa criticamente a curadoria em design, defendendo o “novo curador”: agente performativo e relacional, alinhado a O’Neill (2016), que vê a curadoria como prática crítica expansiva, porosa e responsiva, atenta a contextos culturais, sociais e ambientais.

Essa virada curatorial oferece base para questionar o cânone e refletir sobre como ele molda narrativas históricas do design, restringindo sua diversidade. As perspectivas discutidas sustentam uma abordagem interseccional na teoria e na história do design, com ênfase na inclusão de vozes marginalizadas.

4. Para além do adendo: *Errata* como estratégia epistêmica

Nos últimos anos, projetos de pesquisa, exposições e publicações têm buscado evidenciar a ausência histórica das mulheres na história do design. Nesse contexto insere-

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

se *Errata* (2021), idealizado por Isabel Duarte a partir de uma investigação sobre a revisão feminista do design gráfico em Portugal. A exposição apresentou o trabalho de 17 designers modernas e contemporâneas, historicamente invisibilizadas, entre 27 de agosto e 24 de outubro de 2021, no Gabinete Gráfico do Museu da Cidade, Porto, com financiamento do programa Criatório. Ao reunir essas trajetórias, *Errata* tensiona estruturas de poder e legitimação no campo (Bourdieu, 2010; Buckley, 2025).

O projeto nasce da inquietação com a ausência de referências femininas na formação acadêmica, realidade que molda a percepção de pertencimento no campo. Duarte (2021) questiona: por que mulheres notáveis foram esquecidas? Quais mecanismos sustentam tais omissões? Sem pretensão de definir um “design português autêntico”, a curadoria valoriza a diversidade, alinhando-se a uma perspectiva feminista. A rede de nomes foi formada por lógica semelhante à amostragem em bola de neve (Vinuto, 2014), evidenciando que o problema não é apenas a ausência, mas o acesso.

À luz de Haraway (2009), a exposição assume o conhecimento situado, recusando a neutralidade universal. Mais que acrescentar nomes ao cânone, busca evitar a narrativa centrada no herói. As curadoras Isabel Duarte e Olinda Martins rejeitaram organizações cronológicas ou tipológicas, optando por uma curadoria ativista (Reilly, 2018) que, como propõem Bismarck e Rogoff (2012), cria um campo constelacional, articulando objetos, contextos e saberes no que chamam de “evento do conhecimento”.

Três núcleos estruturam a mostra: *Casa*, sobre como normas patriarcais direcionaram mulheres a funções “apropriadas” (Bourdieu, 2010); *Narrativa*, que revela a exclusão de práticas colaborativas (Buckley, 2025); e *Instituição*, que questiona critérios de reconhecimento baseados em autoria visível. O título *Errata* simboliza a revisão contínua da história, funcionando como metáfora rizomática de epistemologias plurais.

As curadoras reconhecem lacunas — ausência de mulheres negras e foco em Lisboa e Porto — e assumem que o objetivo não é catalogar exaustivamente, mas provocar

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

reflexão e inspirar novas pesquisas. A exposição dialoga com Ahmed (2014), para quem expor um problema desestabiliza sistemas que o mantêm invisível, e com Groys (2021), ao entender a curadoria como evento contingente, não narrativa definitiva.

O projeto expandiu-se com conversas públicas, aulas e o podcast *Errata*, disponível gratuitamente, que reúne entrevistas sobre invisibilidade estrutural, critérios do cânone, e interseções entre design, feminismo e justiça social. Nesse sentido, a curadoria, compreendida como prática pedagógica, política e discursiva (Bismarck, 2016), reconfigura o campo e a memória coletiva, desestabilizando a ideia de história final e fechada.

5. Considerações finais

Ao final de *Curatorial Activism* (2018), Maura Reilly evoca bell hooks (1989) para lembrar que questionar a própria posição crítica é ato ético e político, essencial para desafiar hegemonias. Antes de ouvir o outro, é preciso ouvir a si mesmo: quais preconceitos orientam minhas escolhas? Estou excluindo grupos inteiros e favorecendo apenas os já privilegiados?

Errata ilumina narrativas femininas e evidencia desigualdades de gênero, raça e geografia no design, tensionando critérios de legitimação simbólica (Bourdieu, 2010). Ao expor exclusões históricas e assumir sua parcialidade, convoca a audiência a participar da ressignificação da história, reconhecendo-a como construção social sujeita à revisão.

Sua curadoria feminista desloca centros e apresenta mulheres em múltiplos contextos — como mães, trabalhadoras invisíveis, atravessadas por raça, classe e território — fortalecendo práticas críticas que desestabilizam o cânone e abrem espaço para narrativas plurais no campo do design.

REFERÊNCIAS

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

AHMED, Sara. The problem of perception. *Feminist Killjoys*, 17 fev. 2014. Disponível em: <https://feministkilljoys.com/2014/02/17/the-problem-of-perception>. Acesso em: 20 set. 2024.

AZOULAY, Ariella Aisha. História potencial: desaprender o imperialismo. São Paulo: Ubu Editora, 2024

BISMARCK, Beatrice von. Criticidade curatorial: sobre o papel de curadores independentes no campo da arte contemporânea. *Revista-Valise*, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 137-149, jul. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/66593>. Acesso em: 5 mai. 2025.

BISMARCK, Beatrice von. Curating/Curatorial: a conversation between Irit Rogoff and Beatrice von Bismarck. In: BISMARCK, Beatrice von (ed.). *Cultures of the curatorial*. Berlin: Sternberg Press, 2012. p. 21-38.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. São Paulo: Cia. das Letras, [1995] 2010.

BUCKLEY, Cheryl. Design no patriarcado. São Paulo: Clube do Livro do Design, 2025.

DALCOL, Francisco. Entendimentos e desacordos: das relações entre crítica, exposição e curadoria. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, [S. l.], v. 25, n. 43, 2020. DOI: 10.22456/2179-8001.108104. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/108104>. Acesso em: 2 jul. 2025.

DUARTE, Isabel. *Errata*: an exhibition about the invisibility of Portuguese women designers. Futuress, Basileia out. 2021. Disponível em: <https://futuress.org/stories/errata/>. Acesso em: 5 mai. 2025.

ERRATA. *Errata*: catálogo digital da exposição. 2021. Disponível em: <https://www.errata.design/pt/#errata-digital-catalogue>. Acesso em: 5 jul. 2025.

FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. *MODOS. Revista de História da Arte*. Campinas, v. 2, n.3, p.102-119, set. 2018. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1077>. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v2i3.1077>.

GROYS, Boris. Na mira da teoria e outros ensaios. Copenhague / Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 2 maio 2025.

hooks, bell. Cultural interrogations. Artforum, New York, 1 maio 1989. Disponível em: <https://www.artforum.com/columns/cultural-interrogations-205661/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

IMBERT, Clémence. Œuvres ou documents? Un siècle d'exposition du graphisme dans les musées d'art moderne de Paris, New York et Amsterdam (1895-1995). Paris, França, 2017 — Université Paris 8, École doctorale Sciences et Technologies des Arts, Laboratoire AIAC (Art des Images et Art Contemporain), 2017. Disponível em: <<https://theses.fr/2017PA080084>> Acesso em 23 mar. 2024.

LOVEDAY, Donna. Curating Design: context, culture and reflective practice. Londres: Bloomsbury, 2022.

O'NEILL, Paul. The culture of curating and the curating of culture(s). Cambridge: MIT Press, 2016.

REILLY, Maura. Curatorial activism: towards an ethics of curating. Londres: Thames & Hudson, 2018.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 2 jul. 2025.

WATSON, Fleur. The New Curator: Exhibiting Architecture and Design. Londres: Routledge, 2021.